

# PEQUENOS BILINGÜES

Kátia Côrtes  
Especial Para o Correio

**C**urso lúdico, sem pressões e bastante criativo. Brincando, a criança consegue aprender a língua inglesa, mesmo antes de ser alfabetizada. A fórmula não atrapalha a aprendizagem do português, porém exige uma condição: os pais não devem cobrar resultados. A atitude pode gerar desmotivação e repúdio pela segunda língua.

A razão de se aprender inglês tão cedo vem da vontade dos pais de verem os filhos mais preparados para o futuro. "Quis abrir as portas. Tenho o inglês como prioridade e quero que minha filha conheça a língua", argumenta a advogada Cristiana Gontijo, mãe de Victória, 4, aluna do Instituto Britânico Independente (IBI).

Linda Cover, mãe de Camila, 9, e Luiza, 12, alunas do Yázigi, também argumenta: "Eu e meu marido não tivemos a oportunidade de aprender inglês quando crianças e não queremos deixar que nossas filhas tenham essa dificuldade".

Para o primeiro contato com o inglês, a idade aconselhável pelos orientadores varia com o objetivo dos pais. No caso do IBI, o *Young Fun* é um curso oferecido para crianças a partir dos quatro anos, com cerca de cinco alunos por turma. "Nessa faixa etária, a criança está pronta para aprender tudo sem inibição ou medo de errar", explica Ana Marques, coordenadora do curso infantil da escola.

O método utilizado para a idade é a associação do inglês com assuntos da vivência infantil, como família e escola. Sem a alfabetização, a criança só pode ter contato com a parte oral da língua, o que a ajuda na desinibição da pronúncia. "As crianças que iniciam mais cedo se destacam entre as outras na fluência e no entendimento auditivo", garante Ana Marques.

O curso é uma exceção, pois a maioria das escolas só aceitam crianças já alfabetizadas, na média de sete anos de idade. "O desempenho é maior. A criança está mais preparada

e no auge da disponibilidade para o aprendizado", argumenta Maria Cristina Nogueira, diretora geral da Cultura Inglesa.

A diretora acredita que a criança que inicia antes dos sete anos pode acumular o conhecimento, mas que o fato não a fará dominar a língua com complexidade na adolescência. "É um investimento a longo prazo de tempo, esforço e dinheiro, pois a criança evolui em conjunto com o seu processo de desenvolvimento intelectual", pondera.

Com a alfabetização, o método mais utilizado é o da inserção de livros e provas, sem esquecer da descontração de filmes e do bate-papo em sala de aula. "Desenvolvemos o senso de responsabilidade, explorando a capacidade passiva de entender o inglês falado e escrito e a capacidadeativa de falar e escrever", afirma Thelma Peres, supervisora do curso infantil da Casa Thomas Jefferson.

A escola também exige que a crian-

ça seja alfabetizada e que tenha, no mínimo, oito anos. "Nosso ritmo pede de coordenação motora para copiar tarefas do quadro, fazer exercícios e as crianças que ainda não estão suficientemente maduras vão mais devagar do que a turma, o que não é aconselhável", explica Thelma.

Os educadores chamam a atenção para o efeito contrário que a pressão dos pais pode gerar. "É uma luta. Tentamos explicar para os pais que, às vezes, é preciso tirar a criança do curso por um tempo até ela adquirir maturidade, mas eles encaram isso como um problema, o que não é", reforça Thelma, ao contar que ela própria teve que tirar o filho, que ingressou aos oito anos na Thomas para voltar aos nove.

O alerta é dado por todas as escolas. "A cobrança pode cansar a criança e fazê-la desistir de aprender depois de quatro, cinco anos de estudo", explica Maria Cristina Nogueira, da Cultura Inglesa.

Outra opção para crianças já alfa-

betizadas é a abordagem sócio-constructivista adotada pelo Yázigi. Os alunos constróem o conhecimento de acordo com a própria vivência. Em vez de estruturas gramaticais, a escola explica a função que elas ocupam no cotidiano.

"Ensinamos que o tempo Presente é utilizado para falar dos hábitos, o Passado para falar do que fazemos na semana passada ou na infância. Damos a base e eles fazem a associação, sem precisarem memorizar", analisa Sônia Pagy, coordenadora pedagógica da escola.

O maior receio dos pais em matricular o filho em um curso de inglês é o medo de confundir as duas línguas. "Pode acontecer da criança misturar quando não sabe uma palavra e utiliza o recurso do segundo idioma, mas não é prejudicial porque ela ainda não escreve", garante Ana Marques, do *Young Fun*.

Muitos são os casos dos filhos que aprenderam dois idiomas simultâ-

neamente sem maiores problemas, como é o caso de João Felipe, 9, que até os seis anos só falava inglês com a família. Sendo o caçula, João Felipe foi educado ouvindo português sómente fora de casa.

"Aos dois anos ele ainda não falava e a babá me perguntou se ele não era retardado, pois todas as crianças da idade dele já estavam falando", lembra Elisabeth Blom, mãe de João. Ela confessa que ficou preocupada na época, mas que antes de completar três anos, o filho começou a falar normalmente as duas línguas. "Aos seis anos, sentimos que o português dele estava ficando ruim e, então decidimos colocá-lo em um curso e falar português com ele", explica.

Para ela, a experiência no caso de João Felipe foi válida porque teve imersão na língua, mesmo acreditando que a melhor idade para a iniciação ao inglês é a partir dos dez anos.

Para os filhos que não entram em cursos de inglês, a iniciação à língua

vai depender do colégio que estudam. Nas escolas públicas, a Fundação Educacional inseriu, desde 1994, a língua estrangeira a partir da sétima série. Já as escolas particulares variam..

Com uma quantidade de alunos maior que os cursos específicos, o professor trabalha com aulas práticas, baseadas em livros didáticos. "Não cobramos o falar, pois a falta de prática dificulta muito", explica Francisco Bastos, coordenador do Centro de Línguas do Colégio JK. "As crianças aprendem com o incentivo do colega e criam a própria motivação. Elas adoram as aulas, pois são muito dinâmicas", assegura.

Mesmo com o curso na escola, Francisco aconselha os pais a matricularem os filhos em escolas de inglês para um maior aprendizado. "No curso, não é a 'tia' que vai estar lá e o ambiente diferenciado ajuda a criança a entender mais. Ela certamente terá mais preparação para a parte oral da língua", conclui.



No curso de inglês *Young Fun*, do IBI, o método usado para crianças de quatro anos é a descontração de contar histórias e ouvir música sem cobrança

## CURSOS INFANTIS

### INSTITUTO BRITÂNICO INDEPENDENTE (IBI)

**Young Fun** — Para crianças de 4 a 7 anos. Segundas e quartas, das 8h30 às 11h30. Terças e quintas, das 14h às 16h50. Máximo de doze alunos por turma, professor e auxiliar. Preço: R\$ 6 parcelas de R\$ 153.

**Big Red Bus** — Para crianças a partir dos 7 anos. Segundas e quartas, das 17h10 às 18h30. Terças e quintas, das 9h30 às 10h50. Máximo de doze alunos por turma. Preço: R\$ 6 parcelas de R\$ 87.

### CASA THOMAS JEFFERSON

**Curso Elementar** — Para crianças a partir dos 8 anos. Duas vezes por semana, das 8h às 10h, 10h às 12h, 14h às 16h, 16h às 18h. De segunda a quinta, das 13h às 13h50. Preço: 5 mensalidades de R\$ 131,10

### CULTURA INGLESA

**Kids** — Para crianças a partir de 6 anos. Terças e quintas, das 14h30 às 15h20.

**Junior** — A partir dos 7 anos. Terças e quintas, das 15h45 às 16h35. Preço: 6 parcelas de R\$ 114,30

### YÁZIGI

**Magic Links** — Para crianças alfabetizadas. Segunda e quarta, das 8h30 às 9h45 e 14h às 15h15. Terça e quinta, das 16h50 às 18h05. Preço: 6 parcelas de R\$ 100,45. Matrículas abertas: R\$ 70.